

Leituras de Maquiavel (apresentação)

Grandes pensadores – a lista é significativa e aberta – não apenas nos possibilitam um deslocamento no tempo ao descreverem figuras e processos de uma determinada época, como também nos provocam com questões e inquietações sobre o presente. Evidentemente, o plural aqui “nos possibilitam” é impreciso porque as leituras e o diálogo com o pensamento de um autor, além de incomensuráveis, são irredutíveis a um todo, pois são próprios de um olhar particular.

Por sua vez, o autor sobre o qual se faz a leitura está em uma comunhão de localização e tempo histórico. Hipoteticamente, se pudesse se manifestar no debate contemporâneo, talvez não se reconhecesse nas reconstruções de suas ideias ou até mesmo mudasse suas concepções, diante das diferenças de contextos e experiências.

Certamente, na galeria de grandes pensadores, e alvo de muitas interpretações, se inclui Niccolò Machiavelli. Referir-se a Maquiavel como um homem que compartilha do espírito de uma época (o *Zeitgeist*) não deixa de ser um elogio pela grandeza do período em que viveu, o Renascimento italiano; porém, não é suficiente para classificar o alcance de seu pensamento político.

Atribuir a ele a expressão de Pinder “a não contemporaneidade do contemporâneo”, citada por Mannheim em seu brilhante ensaio *O problema das gerações*, também não se adequa porque o hábito de Maquiavel de conversar com os antigos e aprender com seus escritos e experiências não era para imitá-los, mas constituía uma fonte de ensinamentos, um método para compreensão do presente. A leitura e o retorno aos clássicos também foram um costume do período.

Talvez o mais apropriado seja classificá-lo como um contemporâneo do futuro por ser ele precursor de uma série de mudanças que viriam a acontecer na sociedade. Sua concepção da história como uma combinação entre contingências e ação, movida essa pela necessidade ou escolha, bem como sua análise da natureza da política como uma esfera pertinente aos assuntos do mundo, é inaugural no pensamento político moderno e encerra uma epistemologia do conhecimento social. Sua obra, ao mesmo tempo que conversa com tradição, constitui-se absolutamente original e de ruptura ao se remeter às transformações do presente e antever as revoluções na modernidade.

A preocupação central de Maquiavel é com as coisas do mundo (*cosa del mondo*), coisas humanas (*cosa umana*) – mundo esse retratado, à sua época, como de instabilidade política marcada por invasões, disputas territoriais e guerras entre estados. O pano de fundo de suas reflexões é a luta pela reunificação da Itália, fragmentada pelas disputas entre estados.

Ao se tentar abranger o leque mais amplo das contribuições do autor – uma tarefa nada fácil porque nem sempre existe uma harmonia em seus escritos –, pode-se identificar na arquitetura do seu pensamento uma inter-relação entre três grandes teorias: da história, do conflito e do poder. Em termos de uma teoria da história, seu pensamento se volta para a percepção da ‘verdade’ objetiva, a realidade; para ele, nada mais do que a verdade factual, a *verità effettuale*, que orienta as ações dos homens. Maquiavel procura apreender a história nua e crua, sem uma visão evolutiva, nem teleológica.

Em geral, utiliza o termo “história” com referência a eventos e experiências individuais específicas. Para ele, as histórias são fontes dos exemplos, tanto do passado como do presente. Os fatos são transmitidos e reconstruídos por meio dos relatos. Os conselhos que dá aos Príncipes valem para os homens em geral: as pessoas reais e não imaginárias são avaliadas segundo os traços que lhe valem elogios ou vitupérios.

A história baseada na *verità effettuale*, a verdade da experiência, não contém uma visão preconcebida nem determinista dos fatos. A combinação extremamente perspicaz e inteligente que faz entre a fortuna (acaso, sorte, circunstâncias) e a *virtù* (qualidades e virtudes) expressa com clareza sua compreensão da história, que envolve tanto a realidade, o momento objetivo, quanto o sujeito, o momento subjetivo. Em outras palavras, a história abarca as noções de circunstância e ação.

Desse modo, em sua concepção da história está implícita uma teoria da ação, do sujeito como agente, nos moldes posteriormente tematizados pelas ciências sociais como ciências interpretativas e não positivistas. Maquiavel

antecipa questões epistemológicas que envolvem a relação entre sujeito e objeto, que serão trabalhadas por Max Weber em sua reflexão sobre a escolha pelo sujeito do sentido social da ação.

Há em Maquiavel um sujeito responsável pelas suas escolhas, pelo menos das ações não movidas pela necessidade, cujo sentido único é inevitável. O livre arbítrio responderia pela metade dos nossos atos, cabendo às circunstâncias responder pela outra metade. No entanto, só são boas, seguras e duráveis as defesas que dependem de nossa própria capacidade. De acordo com o autor, considerando as circunstâncias e escolhas individuais, é feliz quem age de acordo com as necessidades de seu tempo.

Profundamente inter-relacionada com uma teoria da história baseada nas experiências, há em Maquiavel uma compreensão do conflito como iminente às interações sociais e à sociedade, dividida entre os que dominam e os que são dominados. Existe na sociedade uma relação de luta permanente pelo poder. A modernidade de Maquiavel, como vai argumentar Karfriedrich Herb, em artigo deste dossiê, não alimenta qualquer esperança de uma superação política do conflito.

Não só o homem, mas também a república está condenada a viver arriscadamente. As dissensões conservam a liberdade. As leis a favor da liberdade nascem da desunião. A essência verdadeira de uma sociedade livre está não no consenso, mas no conflito. A condição de saúde dos estados não reside na harmonia forçada, mas no conflito que corresponde à primeira proteção da liberdade. Em síntese, Maquiavel defende uma ordem republicana que acredita na participação dos cidadãos e que se aproveita de forma produtiva do conflito social.

Ao elaborar uma concepção da história e do conflito, como parte integrante das interações sociais, o foco de Maquiavel é o estudo do poder, concretamente da luta pela conquista e manutenção do poder. À dupla anti-tética *virtù*-fortuna, Maquiavel vai adicionar a de violência-consentimento – ambas categorias-chave da análise do poder. Segundo ele, o poder pode ser conquistado pela *virtù*, pela fortuna, pelas armas ou pelo consentimento dos concidadãos. Em *O Príncipe*, na exposição sobre cada uma dessas formas, a análise de Maquiavel é clara: a *virtù* prevalece sobre a fortuna; e o consentimento, sobre a violência. No entanto, cada uma dessas formas deve ser analisada de acordo com as circunstâncias.

Em sua visão, a violência pode conduzir ao poder, mas não à glória. O conceito de “glória” compreende a noção de reconhecimento público. A perpetuação da violência leva à ruína do poder. Como nos antigos, para ele, a glória é o critério para se avaliar a política. Do mesmo modo, a coragem,

e não a bondade, constitui a virtude do político. Essas considerações são importantes para avaliar o papel da violência no pensamento de Maquiavel como uma característica comum na luta pelo poder, mas não um fator isolado e predominante em relação a outros fatores.

Em sua teoria do poder, voltada para a conquista do poder do Estado, como principado ou república, Maquiavel se refere às virtudes e características do homem de ação política. A visão do político como homem de ação que mede seus atos em função dos objetivos almejados e das consequências previsíveis da ação orienta sua reflexão sobre a natureza laica da política.

Nesse sentido, no percurso de uma concepção da história, do conflito e do poder, há também elementos no pensamento de Maquiavel para se pensar as origens do conceito de vocação política – como distinta de outras vocações –, sendo sua insistência, à época, na separação entre as esferas política e religiosa. De acordo com ele, aqueles que estão preocupados com a salvação da alma não deveriam ter lugar na vida pública, voltada aos interesses das *cose del mondo*.

Esses esboços da compreensão de vocação política – embora Maquiavel não use o termo – vão se expressar em suas histórias florentinas quando menciona que seu amor por Florença é maior do que a salvação de sua alma, trecho citado por Weber em seu ensaio sobre a vocação política. A partir dessas distinções das motivações das ações, pode-se pensar outras vocações, como a ciência, analisada por Weber. Maquiavel é uma referência tanto de Weber, em seu ensaio sobre a política como vocação, quanto de Hannah Arendt, em sua diferenciação das atividades do pensamento e ação, conquanto essas separações sejam conceituais.

1. A ideia da elaboração deste dossiê surgiu por ocasião da Sessão Especial “Os 500 anos de *O Príncipe*: reflexões sobre poder e violência”, no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, em setembro de 2013, em Salvador. A sessão tinha como objetivo debater a importância inaugural dessa obra no pensamento político moderno. Na oportunidade, foram discutidas, com grande interesse do público presente, as contribuições desse autor franzino, preso acusado de traição e censurado por séculos pela Igreja Católica por se voltar contra os modelos das virtudes cristãs.

O Príncipe esteve no *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) da Igreja Católica, de 1559 a 1929. Ainda que o opúsculo tenha circulado nas cortes absolutistas da Europa e no meio literário, o reconhecimento da obra de Maquiavel veio tardiamente, quase como um pedido de perdão em seu epitáfio, citado no final do artigo de Tereza Sadek, na Igreja

de Santa Cruz, em Florença: “*Tanto nomini nullum par elogium*” (“Não há elogio que esteja à altura de sua reputação”). Também só tardiamente foi alcançado o objetivo que tanto moveu suas reflexões: a unificação do Estado-nação na Itália, só concretizada na segunda metade do século XIX, em 1861.

Desde a publicação de *O Príncipe*, o pensamento político dialoga com essa obra precursora da modernidade, tanto pelas reflexões que suscita sobre a natureza da política quanto pela sua concepção de poder. A partir das contribuições de Maquiavel, o pensamento político identificou o conceito de “poder” com o Estado, que, de uma maneira ou de outra, sempre esteve vinculado ao exercício da dominação.

As contribuições do autor florentino certamente são significativas para uma rica reflexão sobre a relação entre poder e violência. Há nuances no tratamento dessa problemática e ambiguidades geradas em situações que envolvem poder e violência, considerando as possíveis aproximações e distâncias entre esses dois fenômenos. Nos termos do autor, a violência é um instrumento da política, mas não o único instrumento possível, tampouco um fator inexorável.

Enfim, várias questões são suscitadas nos artigos que compõem este dossiê: em que as leituras de Maquiavel de autores como Claude Lefort e Hannah Arendt trazem novas dimensões de sua obra e ampliam suas contribuições? Qual a representação de Maquiavel na literatura da época sobre o poder e nos costumes das cortes, a ponto de influenciar hábitos e gostos? Em que as formulações de Maquiavel, comparadas com as de autores como Hobbes e Weber, motivam o aprofundamento do pensamento político sobre o poder no contexto dos modelos democráticos na atualidade?

2. O nome do dossiê – “Leituras de Maquiavel” – foi escolhido pelo diálogo que alguns artigos constroem com o pensamento do autor, mediado por interpretações de sua obra advindas de outros autores. Abre o dossiê o artigo de Karlfriedrich Herb, que discute os perfis da modernidade em Maquiavel e Hobbes. De acordo com o autor, Maquiavel e Hobbes são considerados pensadores políticos modernos *par excellence*, mas, malgrado a premissa cética da política, ambos oferecem orientações políticas opostas. Enquanto Maquiavel defende uma ordem republicana, que aposta na participação dos cidadãos e que se aproveita de forma produtiva do conflito social, Hobbes localiza a liberdade privada no silêncio das leis e alimenta a esperança da unidade do corpo político.

O artigo de Maria Tereza Aina Sadek apresenta um Maquiavel como analista político, e assinala caminhos para a interpretação do autor que visam escapar de algumas encruzilhadas presentes em seus escritos e a fim de salientar suas propostas consideradas cruciais para a interpretação da realidade política. A autora destaca em Maquiavel importantes paradigmas para uma análise política realista, centrada na separação entre as esferas pública e privada, nos efeitos da correlação de forças e na distinção entre aparência e essência.

O foco do texto de Andréa Borges Leão é situar *O Príncipe* na longa história que orienta o processo de civilização no Ocidente. Partindo do contexto de produção e recepção do livro, a problemática apontada entre poder e violência, contingências sociais e psiquismo humano é reintroduzida na teoria do processo de civilização, de Norbert Elias. A autora sustenta que, no contexto de formação dos Estados e monopólio da violência, *O Príncipe* evoca o problema sociológico e histórico comum às fontes usadas por Elias.

Em seu artigo, Marilde Loiola de Menezes reconstrói a leitura de Maquiavel realizada por Claude Lefort em sua importante obra *Le travail de l'oeuvre Machiavel*. Baseada em Lefort, a autora discorre sobre a oposição irreconciliável identificada em Maquiavel entre o desejo dos *Grandes* de comandar e oprimir e o desejo do povo refratário à dominação. Tendo como referência analítica a *dialética do desejo* explorada por Lefort nos *Discorsi*, o artigo demonstra que o sonho iluminista de uma sociedade reconciliada, ausente de conflito significaria, para Maquiavel, a eliminação da liberdade.

Paulo Nascimento e Martin Adamec discutem a proximidade das ideias políticas de Maquiavel com o pensamento moderno, por meio de uma comparação entre sua concepção sobre o Estado e a ação política com a sociologia de Max Weber e seus tipos de dominação. O artigo destaca ainda a importância que Maquiavel atribui a valores da Antiguidade clássica como a glória, mas coloca-o na soleira da modernidade pelo seu realismo e sua compreensão do poder.

O artigo de Maria Francisca Pinheiro Coelho explora a presença do legado de Maquiavel no pensamento de Hannah Arendt. Reporta-se ao interesse e à leitura de Hannah Arendt de Maquiavel, a partir de uma reconstrução das referências e interpretação das ideias do autor nos escritos de Arendt. O objetivo do artigo é dimensionar a recepção do pensamento de Maquiavel em formulações analíticas de Hannah Arendt, a partir da construção, pela autora, dos conceitos de fundação: esferas pública e privada; política e ação; pensamento e ação.

A reconstrução das leituras de intérpretes de Nicolau Maquiavel neste dossiê e a contribuição própria dos autores aqui reunidos que mantiveram um intercâmbio de ideias sobre o autor florentino demonstram a abrangência e a riqueza da reflexão que o seu pensamento continua a suscitar. Quinhentos anos se passaram da redação do *De Principatibus* (Dos principados), título original em latim de *O Príncipe*, e dos *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* (Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio), e sua obra continua provocando inquietações que se remetem diretamente à política contemporânea. Todavia, a preocupação com as *cose del mondo*, tão constante no pensamento de Maquiavel, nem sempre se constitui um horizonte para os que atuam na esfera política.

Maria Francisca Pinheiro Coelho
(organizadora do dossiê)